

Práticas desleais

Produtividade e competitividade não bastam para o país ter vez no agronegócio internacional

CARLOS ANTONIO MOREIRA LEITE

O agronegócio brasileiro tem enfrentado muitos desafios e vencido vários deles. Apesar das políticas adversas à exportação no início do Plano Real, a agropecuária tem participado ativamente das exportações brasileiras. A mais recente previsão indica, para o corrente ano, um aumento das exportações de aproximadamente US$2 bilhões em relação ao ano passado, atingindo mais de US$15 bilhões.

Impressionante potencial

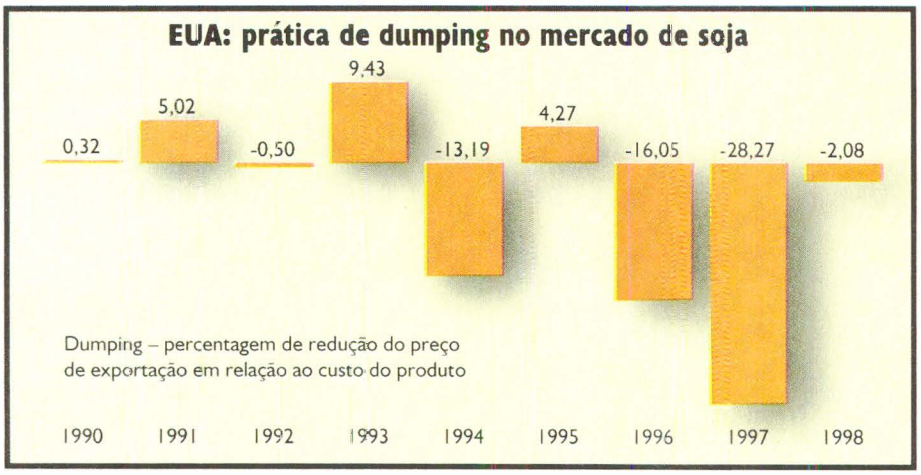
Com uma área de 5,7 milhões de hectares de lavouras permanentes e 45,1 milhões de hectares de temporárias, o Brasil tem ainda milhares de hectares a serem explorados pela agricultura convencional ou pelos mais modernos padrões, de precisão ou irrigados.

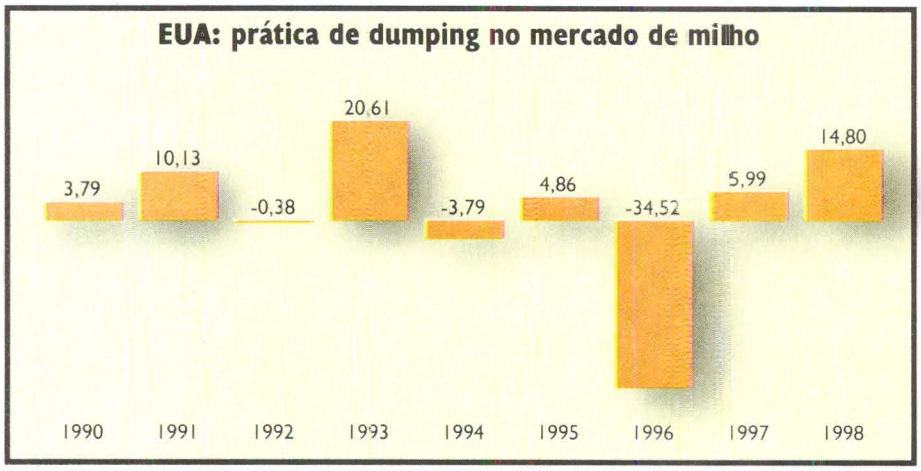
Adicionalmente, há o mercado de frutas temperadas e tropicais; condições de absorver e exportar uma safra de grãos bem maior do que os 80 milhões de toneladas produzidos anualmente e rebanhos bovino e suíno surpreendentemente numerosos, assim como uma vasta produção de carne de aves.

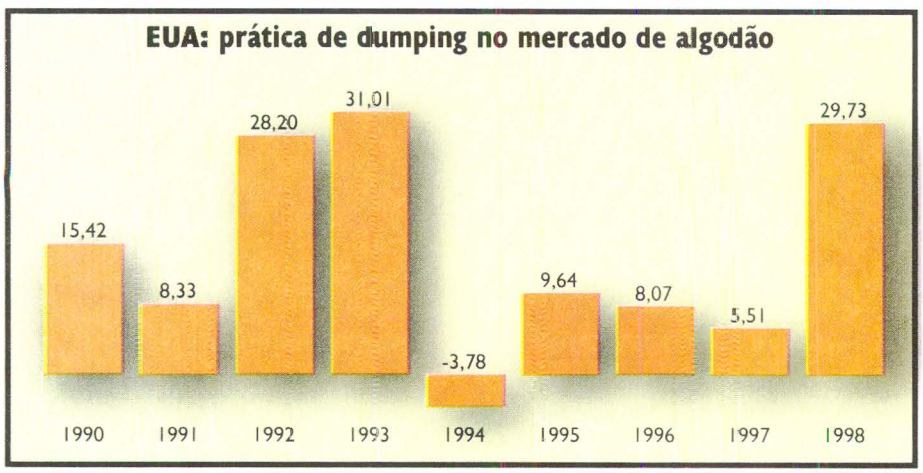
Da produção brasileira de carne bovina só se exportam 6,3%; da produção suína, 5%; e da produção de aves, 13%. Considerado o aumento da renda de alguns países – que já sinalizam aumento das importações de carnes, como é o caso de diversos países asiáticos – é grande o potencial exportável.

O valor do agronegócio brasileiro, expandido da base de dados estimada para 1995, está resumido na tabela, cujos dados evidenciam desde a produção de insumos para o setor agropecuário até o produto processado para o consumidor.

A geração de riquezas na fase agropecuária do segmento representa aproximadamente 24% do valor adicionado total do agronegócio. A montante e a jusante da propriedade, esse valor é multiplicado por quatro. Está clara a dependência recíproca entre o setor primário e o restante da economia, gerando processamento agroindustrial e movimentando a infra-estrutura de distribuição de produtos e insumos e a provisão de insumos. A cada ano estruturas produtivas mais complexas são criadas no país, promovendo riquezas, ampliando mercados e gerando empregos.







DA PRODUÇÃO BRASILEIRA DE CARNE

bovina só se exportam 6,3%; da produção suína, 5%; e da produção de aves, 13%. Considerado o aumento da renda de alguns países – que já sinalizam aumento das importações de carnes, como é o caso de diversos países asiáticos – é grande o potencial exportável.

QUANTIDADE E QUALIDADE

Quatro fatores motivam o dinamismo do agronegócio brasileiro:

- modificações nas bases tecnológicas de produção;
- ampliação dos recursos investidos;
- modificação na organização da atividade;
- pressões dos mercados doméstico e internacional.

Os produtores rurais estão adotando novos processos tecnológicos de produção, com o objetivo de baixar seus custos unitários. Os ajustamentos ocorrem em velocidade de cada vez maior. Buscam-se novas variedades de plantas, adaptadas aos diferentes solos, climas e sistemas de produção, assim como raças e explorações mais adequadas às regiões e aos anseios dos consumidores.

Os recursos investidos no agronegócio estão sendo ampliados tanto pelo setor privado quanto pelo governo, sobretudo no que diz respeito à indústria. Grandes investimentos têm acompanhado a trajetória da produção de matérias-primas para o centro do país, onde a cada dia se instalam novas agroindústrias.

Mudanças na organização agroindustrial, mediante novos arranjos institucionais entre diversos agentes da cadeia, têm resultado em mercados cada vez mais concentrados. Fusões e associações de firmas brasileiras com empresas estrangeiras, além do estabelecimento no país de empresas transnacionais, têm alterado aceleradamente o complexo agroindustrial brasileiro.

NOVAS E ANTIGAS BARREIRAS

O empresariado brasileiro tem sido sensível às exigências dos consumidores nacionais e se ajustado com relativa eficiência a suas pressões.

Empresas transnacionais trouxeram para o país sua dinâmica de produção de alimentos e sua tradição administrativa. A globalização da produção se estrutura assim em bases científicas, interligando as várias fases produtivas e transformando os processos produtivo e de trabalho no campo e na cidade.

O mercado internacional – alvo mais cobiçado de muitos dirigentes políticos do país – continua no entanto operando com muitas restrições: das barreiras tradicionais do comércio internacional às modernas, relacionadas com o meio ambiente e com a multifuncionalidade do setor agrícola.

No que se refere às barreiras tradicionais, no final de setembro passado ficou

Valor do agronegócio brasileiro desmembrado em agricultura e pecuária

Participação dos segmentos da cadeia agroindustrial*

Segmentos	Percentual**	Valor US$ bi
Agronegócio		
Insumos	8,4	20,71
Agropecuária	23,84	58,77
Indústria	35,01	86,3
Distribuição	32,76	80,75
Total	100,00	246,52
Agricultura		
Insumos	7,41	13,03
Agricultura	19,07	33,54
Indústria	41,24	72,53
Distribuição	32,28	56,77
Total	100,00	175,88
Pecuária		
Insumos	10,85	7,66
Pecuária	35,73	25,23
Indústria	19,48	13,76
Distribuição	33,93	23,96
Total	100,00	70,62

*Considerando-se o PIB brasileiro de US$850 bilhões. **Dados percentuais calculados do ano de 1995, por Fortuoso, M.C.O. e Guilhoto, J.J.M. A distribuição setorial do PIB do agronegócio brasileiro. Rio de Janeiro: Sober, 2000.

frustrada mais uma negociação na Organização Internacional do Comércio (OIT), entre os países em desenvolvimento e os Estados Unidos e outras nações industrializadas. Os países em desenvolvimento solicitaram mudanças substantivas nas políticas de subsídio e *dumping* dos países desenvolvidos, por meio de ações da OIT. Como resposta, as nações ricas entenderam que essa discussão deve ser deixada para o futuro ou para os comitês técnicos da organização.

Reflexos do *dumping*

Dumping pode ser definido como a prática de exportação de um produto a preços inferiores aos custos de produção, incluindo custos de *marketing* e lucratividade razoável.

As políticas praticadas pelas economias desenvolvidas prejudicam a eficiência da produção e do comércio mundiais. Durante muitos anos, as políticas de *dumping* praticadas pelos Estados Unidos vêm afetando as cadeias agroindustriais do Brasil.

Os gráficos mostram exemplos de práticas de *dumping* dos Estados Unidos, nas exportações de soja, milho e algodão, de 1990 a 1998. Os valores mostram o *dumping* como percentual dos custos do produto.[1]

Está clara a dependência

recíproca entre o setor primário e o restante da economia, gerando processamento agroindustrial e movimentando a infra-estrutura de distribuição de produtos e insumos e a provisão de insumos. A cada ano estruturas produtivas mais complexas são criadas no país.

De 1990 a 1998, os Estados Unidos praticaram *dumping* no mercado de soja em quatro anos; no de milho, em seis anos; e no de algodão, em oito. Nesse período, a soja chegou a ser vendida ao exterior a um preço 9,43% abaixo do custo do produto. Para o milho, essa diferença chegou a 29,61% e, para o algodão, a 29,73%.

A atual política agrícola brasileira segue o modelo de uma economia de mercado. O *dumping* praticado por outros países traz conseqüências desastrosas ao agronegócio; afeta cadeias agroindustriais de grande importância, como as de carnes, indústria têxtil e cereais para consumo humano.

As imperfeições trazidas pelo *dumping* e por outras políticas protecionistas dos países desenvolvidos inibem os benefícios da estabilidade econômica brasileira, criando uma falsa concorrência internacional, desestimulando o uso de tecnologias modernas e provocando retração ao crescimento das cadeias associadas aos produtos agrícolas.

Para que o agronegócio brasileiro continue crescendo e mais riquezas sejam produzidas no país, é imperativo que se continue lutando nos fóruns internacionais pela redução das práticas protecionistas das economias desenvolvidas.

Carlos Antonio Moreira Leite é professor titular do Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa.
E-mail: caml@mail.ufv.br

[1] *Para a determinação dos custos do produto foram considerados os custos pagos pelos produtores, as transferências feitas pelo governo e o custo de transporte da fazenda aos silos de exportação. As fontes utilizadas são USDA – ERS. US Farm Sector Performance Data, Costs and Returns. Producer and Consumer Support Estimates.* OECD Database, *1999, Table III: Producer Support Estimate by Commodity for the US.*
Dados não disponíveis para algodão.
Os custos de transporte foram obtidos de dados derivados do USDA, Agriculture Marketing Service. 1999. Grain Transportation Prospects. Washington D.C. e preços de exportação foram obtidos do USDA – ERS. Agricultural Outlook, *Jan.-Feb., 1992-2000, Table 24.*

